

O ARROZ



Boletim da Associação Nacional dos Industriais de Arroz
ANIA



O mercado nacional do ARROZ



ANO III - N° 7 - Outubro/Novembro/Dezembro de 1998

O problema informático do ano 2000



Importações e Exportações Portuguesas de Arroz Janeiro a Dezembro de 1998

Arroz	Importações/Entradas		Arroz	Exportações/Saídas	
	Quantidade	Valor		Quantidade	Valor
Países	(toneladas)	(contos)	Países	(toneladas)	(contos)
Guiana	43.226,496	3.205.710,036	Reino Unido	5.470,865	379.734,369
Espanha	34.158,070	2.793.445,375	Bélgica-Luxemburgo	4.914,782	311.021,414
França	26.371,329	1.794.322,553	Itália	1.418,736	100.616,873
Suriname	8.256,800	578.481,683	Angola	835,058	108.534,507
Itália	7.276,107	776.258,005	Holanda	661,304	63.475,199
Grécia	2.349,480	139.271,298	Espanha	601,260	35.853,932
A. Holandesas	1.908,986	179.465,092	França	560,029	30.036,394
Holanda	1.644,040	160.974,321	Venezuela	42,000	5.452,000
Uruguai	382,278	42.354,393	Alemanha	18,704	3.373,217
Argentina	192,168	20.688,178	Suíça	13,530	2.231,673
Bélgica-Luxemburgo	123,622	31.807,575	S. Tomé e Pr.	12,565	1.468,948
Reino Unido	70,769	23.899,211	Guiné Bissau	4,322	737,854
Vietname	32,028	2.661,072	A. P. Bord.	2,775	451,199
Tailândia	23,300	1.923,757	Andorra	1,767	244,120
Dinamarca	0,300	225,491	República do Congo	1,300	239,650
Alemanha	0,265	137,312	Moçambique	1,040	166,000
Japão	0,015	4,357	Cabo Verde	0,515	127,273
Singapura	0,010	74,691	Uganda	0,300	43,500
Total	126.016,063	9.751.704,400	Total	14.560,852	1.043.808,122
%	89,6%	90,3%		10,4%	9,7%

O Arroz N ° 7 - Outubro/Novembro/Dezembro 1998



Editorial



Caros colegas industriais e leitores, é chegada a altura da mudança de mais um ano no nosso calendário. Normalmente nestas alturas lembramo-nos de olhar para trás, tentando fazer um balanço dos acontecimentos que mais nos marcaram. Num resumo muito breve deixo-vos algumas das minhas preocupações

para o sector.

Devido ao contexto do mercado português do arroz e às possíveis implicações das negociações do GATT no âmbito da Organização Mundial do Comércio, as suas implicações na PAC, e consequentemente, na futura OCM do Arroz, a ANIA optou por uma estratégia de estudo e análise dos riscos potenciais para o sector nacional, dadas as variáveis exógenas e endógenas que o poderão influenciar. Com vista a um melhor conhecimento do mercado interno por todos os associados, a Associação estabeleceu um contrato com a empresa AC Nielsen, S.A. que bimestralmente fornece os números do mercado do arroz em Portugal. Complementarmente a assinatura de outro contrato com a empresa Sociedade Portuguesa de Inovação (SPI) para a execução de um estudo de carácter estrutural, deverá indicar de uma maneira mais abrangente o posicionamento do sector nacional, na Europa e no mundo.

Sem dúvida um dos problemas mais graves que tem afectado o sector situa-se a jusante, na grande distribuição e nos abusos a que sistematicamente os industriais de arroz e não só são submetidos. No decorrer deste ano a ANIA e outras associações do sector Agro-Alimentar optaram por não tolerar mais um conjunto de práticas comerciais abusivas, que se vinham a avolumar já de há longa data, apesar da elaboração e da entrada em prática do CBPC – Código de Boas Práticas Comerciais. A entrada das insígnias Feira Nova e Pingo Doce, pertencentes ao grupo Jerónimo Martins Distribuição, na UNIARME – União dos Armazenistas de Portugal, e as pressões negociais unilaterais por parte da UNIARME, constituiu no entender da ANIA e das suas congéneres, “abuso de posição dominante”, que foi materializada numa queixa apresentada junto da DGCC – Direcção-Geral do Comércio e da Concorrência. Também através da CIP pressionaram-se as autoridades para uma maior abertura e análise do problema, se bem que se conheça a influência que o sector da grande distribuição exerce junto da administração pública, como consequência da sua dimensão económica. Justiça seja feita, a ANIA não pretende uma distribuição pequena e ineficiente, pretende sim, que as boas práticas comerciais sejam respeitadas para que toda a fileira possa trabalhar em conjunto para um objectivo final comum consubstanciado em servir bem o consumidor para que este prefira os nossos produtos.

Ao contrário do ano passado, este ano o mercado do arroz decresceu em volume e em valor cerca de cinco por cento, o que com os preços estabilizados provocou uma menor performance de toda a indústria arroseira que viu o seu peso em facturação no sector Agro-Alimentar diminuir, estando agora lado a lado com o sector do azeite e atrás dos óleos que lideram o conjunto dos bens essenciais. Resta-nos agora averiguar se esta quebra resulta de um fenómeno conjuntural, devido ao maior consumo de produtos substitutos fortemente correlacionados, como poderão ser as massas e/ou as batatas, que se transaccionam a um preço mais reduzido, ou se por outro lado, é resultante de um fenómeno mais preocupante, de índole estrutural, como por exemplo a alteração dos hábitos alimentares da sociedade, que sem dúvida serão muito mais difíceis de controlar. Para dar resposta a estas preocupações, a Associação em conjunto com as autoridades nacionais estudam a hipótese para a realização de uma campanha institucional para o arroz, com o objectivo de “aproximar o consumidor nacional do arroz nacional”. Parece-nos que existe um grande desconhecimento por parte do consumidor mais urbano das características do produto que se encontra nas prateleiras da distribuição. Urge averiguar se tal se está a verificar e tomar as medidas correctivas necessárias para dotar os consumidores dos mecanismos de selecção necessários à compra do produto adequado para a ocasião de consumo pretendida. Desta parceria, em torno de uma maior informação a disponibilizar aos consumidores, estamos certos poder contribuir para a melhoria da dieta alimentar nacional dadas as qualidades naturais deste produto que une toda a fileira orizícola.

A um ano do ano 2000 torna-se necessário averiguar a conformidade dos nossos sistemas fabris com esta realidade futura. Para que nenhum industrial tenha que enfrentar o chamado “problema do ano 2000”, para que a passagem deste ano não passe duma vulgar mudança de calendário, é urgente preparar todos os sistemas das empresas para essa transição. Todos os sistemas das empresas terão que ser testados. Não basta verificar a passagem de ano nos computadores, é preciso que todos os sistemas que funcionem com datas suportem e interpretem o ano dois mil como 2000 e não como o ano 1900. Óptimo seria, se as empresas pudessem simular a passagem de ano em funcionamento normal, para assim, poderem fazer um teste real das suas necessidades com todos os sistemas em funcionamento normal. Mas como tal procedimento se poderá revelar impraticável, será imperioso que todos tomem as precauções necessárias e suficientes para que o “problema do ano 2000” não passe do papel para as linhas de produção das empresas.

Ernesto Morgado

Presidente da Direcção da ANIA.



Em Destaque

Flash Noticioso

Arroz Híbrido

Relatório FAO
Novembro de 1998

O Mercado do Arroz

O Problema Informático
do Ano 2000

Índice

Comércio Externo de Arroz
em Portugal 2

Editorial 3

Destaque, Índice 4

Flash Noticioso 5

Arroz Híbrido 8

Relatório FAO
Novembro de 1998 9

O Mercado do Arroz 10

O Problema Informático
do ano 2000 14

Receita de Arroz
“Arroz com borrego” 15

Ficha Técnica

Boletim da Associação Nacional dos Industriais de Arroz - ANIA
Publicação Regular - ANO III - N° 7 - Outubro/Novembro/Dezembro de 1998
Tiragem: 100 exemplares
Direcção do Boletim: Ernesto Marques Morgado
Edição e Propriedade: ANIA - Avenida da República, N.º 60, 5.º Esq.º - 1050-197 Lisboa
Telefones: (+351-1) 796 86 06 / 796 24 31
Fax: (+351-1) 793 55 58
E-mail: ania@ania.pt
URL: <http://www.ania.pt>
Coordenação e Redacção: Pedro Silva e Pedro Monteiro
Produção e Execução Gráfica: ANIA



Flash Noticioso

Comité de Gestão de 08/10/98

A Comissão europeia anunciou durante o Comité de gestão de 08 de Outubro, que as superfícies cultivadas de arroz na UE baixaram 5%, situando-se agora nos 405.000 ha. A repartição entre arroz Indica (agulha) e Japonica (carolino, médio e curto) é respectivamente de 24% (97.200 ha) e 76% (307.800 ha).

Relatório Arroz / Trigo Conselho Internacional dos Cereais (CIC / IGC)

O relatório deste organismo internacional veio mostrar o comportamento destes dois produtos para uma análise futura. A evolução recente do mercado de arroz, nomeadamente as graves inundações no Bangladesh e na China, poderão ter uma incidência positiva sobre o consumo de trigo em certos países do Extremo-Oriente asiático. As trocas mundiais de arroz atingiram um recorde de 24 MT em 1998 devido à procura sem precedentes da Indonésia após a seca do início do ano. Dada a escassez do arroz, ou o grande aumento do seu preço, certos países importarão trigo como produto substituto do arroz. As vendas de arroz para exportação não subiram de maneira espectacular como seria previsível. A desvalorização do *baht* (moeda tailandesa) exerceu uma pressão de baixa sobre os preços na Tailândia, o maior exportador de arroz do mundo e o maior fornecedor da região. As disponibilidades exportáveis dos outros países exportadores da região, como, a Índia, o Paquistão e o Vietname, restam substanciais. O Japão estava também em condições de fornecer arroz para ajuda alimentar. Todavia, dado que os preços internacionais do trigo caíram para níveis particularmente baixos no decurso dos últimos meses, o rácio de preços entre o arroz e o trigo está agora ao seu nível mais elevado desde há já alguns anos. Cerca de 3,0 vezes mais é quanto custa o arroz em relação ao trigo, quando esse valor oscilava entre

1,5 e 2,0.

Poroutrolado, a relação entre os movimentos internacionais do trigo e do arroz e os seus níveis relativos de consumo em certos países designados não é tão simples assim. É preciso levar vários valores em conta, a saber:

- O preço analisado para o arroz é o de um tipo mais caro, o Thai 100 B. Se este tipo de arroz é um dos mais preferidos por certos países, outros países como a Indonésia estarão dispostos a importar um produto de qualidade inferior, a um preço também menor;
- Estima-se que a China, onde as culturas de arroz atingiram boas colheitas, detenha stocks importantes e portanto não necessitará de importações muito volumosas para manter as necessidades internas. A Coreia do Sul estará também em condições de satisfazer as necessidades internas através das suas quantidades de arroz armazenadas;
- Os países dadores de ajudas alimentares poderão preferir fornecer trigo, que é mais abundante. A maior parte de países exportadores de arroz são países em vias de desenvolvimento e serão menos capazes de oferecer créditos à exportação que os principais países exportadores de trigo (países desenvolvidos do hemisfério norte);
- Certos países (como a Coreia do Sul) estão obrigados a importar quantidades mínimas de arroz afim de honrar as suas obrigações de acesso aos mercados;
- Dada a procura internacional, certos países exportadores poderão limitar as suas exportações de arroz, para eles próprios não se verem na eminência de dada a escassez interna do produto verem os seus preços subirem, limitando assim as oscilações no seus mercados internos. O Vietname reintroduziu recentemente restrições às exportações;
- Os preços domésticos pouco têm a ver com os preços dos mercados internacionais devido a um variado número de razões que

compreendem as subvenções públicas. A retirada das ajudas em subsídios para as farinhas de trigo deverão aumentar o consumo de arroz na Indonésia tendendo assim para um aumento dos preços do mesmo;

- Os custos de transporte, compreendendo os fretes internacionais e os custos de estiva portuária deverão ser tomados em conta. A logística poderá ter um papel importante na determinação nas descargas de cereais no Bangladesh onde frequentemente há incumprimentos nos portos;
- Em numerosos países do Extremo-Oriente asiático, os consumidores começaram a diversificar o seu regime alimentar para outros produtos à base de trigo, mas com a crise financeira, voltaram de novo para o arroz.

Até aqui, é possível concluir que as diversas dificuldades atravessadas pelos países importadores de arroz do Extremo-Oriente asiático os incitou a utilizar produtos à base de trigo devido dos seus preços mais favoráveis. Contudo, devido às muitas variáveis em jogo, as perspectivas são incertas para toda a região, e é mesmo possível que as fortes necessidades internas do Bangladesh sejam cobertas pelo trigo. Com o aumento do rácio entre o arroz e o trigo, outros países poderão seguir o mesmo caminho e comprar trigo em vez de arroz.

CHINA – o maior consumidor mundial de arroz

Um estudo realizado pela embaixada de França na China dá uma ideia da situação agrícola deste imenso país. Com mais de mil milhões de habitantes (cerca de 20% da população mundial), cerca de dois terços vivem nas zonas rurais e 323 milhões trabalham nos campos cultiváveis que representam $\pm 7\%$ das terras do globo. A agricultura é o pilar fundamental da economia chinesa, de onde subsiste a maioria da população chinesa. Mas, somente 10,5% / 1.000.000 km² do seu território



(cerca de 9.561.000 km²) situados principalmente na zona este do país são cultiváveis. Cerca de metade das terras são irrigadas e 80% das terras trabalhadas na China são consagradas às culturas de cereais e do arroz. Apesar das trágicas inundações que provocaram uma quebra das produções, este país continua a ser o maior produtor mundial de cereais. A cultura mais importante é a do arroz, que ocupa um terço (330.000 km²) da superfície cultivável total. Em 1998 as suas exportações ascenderam a 2.750.000 Ton., as suas importações situaram-se nas 300.000 Ton., e a sua produção atingiu um valor recorde de 140,5 milhões de toneladas (tudo em arroz branqueado).

FAO: a baixa de rendimentos no arroz preocupa a Comissão Internacional do Arroz / IRC

Durante a sua 19.^a sessão, que decorreu no Cairo em Setembro de 1998, a Comissão Internacional do Arroz (CIR / IRC) debruçou-se sobre a questão da baixa de rendimentos no arroz. Esta Comissão que conta actualmente com 61 países membros, entre eles os principais produtores do mundo, encoraja medidas nacionais e internacionais em matéria de produção, de conservação e de consumo de arroz.

O arroz é o alimento base de mais de metade da população mundial. A oferta deverá continuar a cobrir a procura até cerca do ano 2005, mas as previsões a longo prazo são preocupantes, segundo Dat Van Tran da FAO, secretário executivo da CIR.

A Ásia cultiva e consome actualmente 90% do arroz produzido no mundo, e as projecções sobre o consumo até 2025 em numerosos países asiáticos determinam um maior crescimento deste em relação ao ritmo de crescimento dessas populações.

É necessário que o nível de produção actual cresça cerca de 1,8% ao ano para acompanhar as necessidades de consumo. Segundo previsões da FAO, a produção mundial de arroz atingirá cerca de 760 MT até ao ano 2025.

Durante os próximos 10 a 20 anos, dado que a produção abrandará e que a liberalização das trocas prosseguirá, numerosos países asiáticos que produziam todo o arroz de que necessitavam tornar-se-ão importadores líquidos. Mas quem irá produzir esse arroz? Tendo em conta estas questões, a reunião da CIR debruçou-se sobre três questões: plantar preferencialmente arroz híbrido, transpor para os campos de cultivo os rendimentos obtidos nas estações de Investigação & Desenvolvimento, e manter os níveis de produtividade.

O arroz híbrido pode render até 20% mais que as variedades tradicionais de alto rendimento. As variedades híbridas são cultivadas de maneira extensiva na China, mas a transferência de tecnologia de outros países asiáticos nem sempre tem sido fácil, se bem que progressos tenham vindo a ser feitos ao longo da última década. A Índia cultivou mais de 80.000 ha de arroz híbrido em 1997 e o Vietname 102.000 ha em 1996, graças à assistência técnica da FAO, e o concurso do Instituto Internacional de Investigação do Arroz, da China e do Japão.

Ressaltou da reunião que os obstáculos mais graves à adopção generalizada das variedades híbridas são os custos e as dificuldades de produzir sementes de arroz híbrido.

O desvio de rendimentos é a diferença entre rendimentos que os orizicultores obtêm nos seus campos e os rendimentos obtidos nas estações de pesquisa num determinado local e num determinado período. A pesquisa mostra que suprimindo este desvio, a produção de arroz mundial aumentará em cerca de 25%. Ajudar os agricultores a melhorar os seus métodos de gestão das culturas a adoptarem técnicas disponíveis é considerado como um dos elementos chave para suprir este desvio. A FAO e outras organizações estudam novas maneiras de transferir tecnologia já aplicadas no terreno por outros países e com bastante sucesso, como foi o caso da Indonésia.

Vários países membros da Comissão internacional do arroz assinaram que os rendimentos de arroz diminuirão nas zonas de cultura irrigadas intensivamente onde se obtêm duas ou três cultura por ano. Tendências análogas a estas são observadas em África, na América do Sul e na Ásia, mas as causas exactas são desconhecidas. A FAO estuda a incidência e a dimensão do problema com vista a elaborar uma estratégia de combate ao problema. Reconhecendo o facto de em numerosos países em vias de desenvolvimento serem as mulheres a efectuar a quase totalidade das operações durante a colheita, no tratamento após a colheita, na limpeza dos grãos e no armazenamento do arroz, a reunião sublinhou que o papel chave das mulheres na produção orizícola deveria ser uma pedra angular de projectos e estratégias de desenvolvimento.

OMC / UE: a reforma da PAC vai no bom caminho

O Director da divisão de agricultura da OMC (Organização Mundial do Comércio) estimou que a reforma da Política Agrícola Comum (PAC) da UE vai no “bom caminho”.

Franck Wolter estimou que a redução do diferencial entre o preço interno e o preço mundial permitirá à UE um ganho em competitividade nos mercados agrícolas.

“O alinhamento dos preços é importante. Poderemos melhorar a competitividade dos produtos agrícolas europeus no mercado mundial”, disse ele.

Ele insistiu no aumento da procura mundial, nomeadamente nos países de Leste e nos países em vias de desenvolvimento. “No quadro da reforma da OMC, a reforma da PAC é muito importante”, reafirmou ele.

Segundo ele, a UE ganhará “em credibilidade”. Ela terá “uma elevada margem de manobra” tendo em vista a Ásia e os outros países.

O IIRI estima que a procura mundial de arroz em 2020 atinja 820 MT

A procura mundial de arroz branqueado deverá chegar às 820 milhões de toneladas (+36,7%) em



2020 contra as 600 MT em 1993, segundo um comunicado apresentado pelo Instituto Internacional de Pesquisa de Arroz (IRRI) em Phuket/Tailândia. Um responsável do IRRI prevê que as necessidades suplementares da Ásia cheguem às 170 MT: “A procura de paddy da Ásia em 1993 foi cerca de 530 MT, e em 2020 ela rondará 700 MT” (+32,1%). Esta projecção leva em linha de conta uma redução do consumo devido ao aumento do nível de vida das populações. “No total, a procura potencial ultrapassa o aprovisionamento actual. Ela é calculada pelo mínimo de calorias necessárias per capita, o que implica que existe uma procura não satisfeita em certas regiões da Ásia por questões económicas e sociais”.

RUSSIA / UE

A UE prepara uma operação de ajuda alimentar em benefício da Rússia, composta de cereais e de carne no valor de cerca de 500 milhões de USD. A operação de ajuda alimentar no valor de 400 milhões de EUR (±80 milhões de contos) compreende 1 milhão de toneladas (MT) de trigo, 0,5 MT de centeio, 100.000 T de carne de porco, 150.000 T de carne de vaca, 50.000 T de leite em pó e **50.000 T de arroz**. À excepção do porco, todos os outros produtos serão levantados dos stocks da intervenção. A ajuda é condicionada ao compromisso do governo russo vender estes produtos ao preço do mercado doméstico, devendo as receitas assim recolhidas ser colocadas num fundo especial com vista à sua futura utilização em operações públicas: é a única maneira de não perturbar os mercados locais financiando operações de carácter social.

FRANÇA: Arroz Especial

Para acabar com a banalidade do mercado do arroz, em quebra, os fabricantes propõem produtos com novos sabores. Depois do arroz perfumado, surge o arroz aromatizado.

Ao fim de alguns anos, o mercado do arroz atingiu a maturidade. Para lhe dar um novo crescimento, os principais fabricantes têm procurado diversificar a sua oferta sobre dois aspectos: o sabor e a praticabilidade.

Dar resposta às preocupações dos utilizadores, permite-lhes ganhar algum tempo. Ao mesmo tempo do arroz natural, foi também lançado o arroz es-

tufado de cozedura rápida. Este último sofre um tratamento a altas pressões e temperaturas permitindo a migração das vitaminas e sais minerais para o interior do bago. Tirada a casca, este arroz conserva todas as suas qualidades nutricionais e permite uma cozedura mais fácil. Depois do arroz que cozia durante 20 minutos aparece agora o arroz que coze em 10 minutos. Outra novidade a favor da praticabilidade: as saquetas pré-cozidas. Estas novas embalagens facilitam o doseamento do arroz para uma ou duas pessoas. E hoje em dia, todos os fabricantes adoptaram estas embalagens para o arroz de cozedura rápida.

Mais prático, o arroz quer-se também mais gostoso. Desde os anos 90, com o impulso dado pela empresa “Taureau Ailé”/Toiro Alado (RCL), o arroz perfumado apareceu definitivamente nos lineares da distribuição. *Basmati, siam, thai, kashmir, surinam, vietnam*: o exotismo atrai novos consumidores. Oito anos depois do seu lançamento, estas variedades de arroz naturalmente perfumadas, compostas em 90% por arroz basmati, totalizam mais de 29% do mercado do arroz em volume e cerca de 39% em valor e continuam com bons níveis de crescimento (+7% em volume), com todos os outros segmentos a recuarem. Forte na sua posição pioneira neste segmento, a empresa Toiro Alado vende mais de 25% das suas vendas em arroz perfumado. Seguindo o seu exemplo, todos os intervenientes neste mercado lançaram a sua gama de arroz da especialidade com referências e embalagens diversas. A empresa Uncle Ben’s propõe um arroz basmati em caixa de cartão de 500 g com saquetas pré-cozidas.

Outra empresa, Lustucru tem também uma referência de basmati e de arroz thai com saquetas cozidas, assim como outras duas variedades exóticas (Paquistão e Vietname) e arroz integral embalado em caixas de cartão cúbicas.

Por outro lado, outra empresa, a Perliz, propõe uma gama de arroz “de origem”, composta por arroz exótico (thai, basmati, etc.), de arroz selvagem das Américas e de arroz da Camarga (arroz francês) em embalagem transparente de 1 kg.

Por fim a inglesa Tilda, peso pesado mundial do arroz basmati, implantou-

se depois de alguns anos nos lineares franceses com uma gama de cinco tipos de arroz basmati, thai e selvagem. As marcas próprias da distribuição não estão paradas e já têm mais de 25% da quota do mercado do arroz perfumado.

Este sucesso do arroz perfumado irá continuar? “O arroz perfumado tem ainda toda a preferência dos consumidores mas é certo que o seu crescimento tem tendência a estabilizar”, explica um dos intervenientes no mercado. Depois do arroz perfumado, haverá lugar para o arroz aromatizado! No início de 1998, a Uncle Ben’s e a Toiro Alado lançaram uma gama de arroz cozinhado com especiarias e ingredientes ricos em sabores. Esta nova gama “Chefe Uncle Ben’s”, divide-se em três variedades baptizadas “sabor longínquo”: o arroz à maneira indonésia *Nasih Gurih*; à indiana *Currain*; e à “creola” *Pilao*. Estes tipos de arroz necessitam de uma técnica de fabrico muito apurada de maneira a garantirem uma longa conservação de todos os ingredientes. Por outro lado, a Toiro Alado propõe quatro variedades de arroz com especiarias, acondicionado em saquetas de alumínio flexíveis: à indiana, à “creola”, à mexicana e à chinesa. A Perliz anuncia igualmente o lançamento para breve de uma gama de arroz aromatizado. O valor acrescentado do arroz só ainda agora começou a crescer!

O fim do sistema CRS / SCC

O Comité de Gestão adoptou no dia 10/12/98 um regulamento que altera o 1503/96 relativo aos direitos de importação no sector do arroz. Com este novo regulamento:

- O Sistema de Cobrança Cumulativa para os cálculos dos direitos de importação de arroz descascado termina no dia 31/12/98;
- A partir de 01/01/99, regressa-se ao sistema de tarifário anterior;
- No terceiro dia após a publicação deste regulamento no JOCE, o sistema tarifário será modificado da seguinte maneira: o preço de referência para o cálculo dos direitos de importação de arroz descascado será majorado de 8% (resultado das negociações com os EUA), o que tem como consequência fazer baixar os direitos de importação correspondentes em cerca de 25 ECU/Ton. (5\$00/kg).



Arroz Híbrido

Desenvolvimento e utilização de arroz híbrido: novas ideias e desafios

Na China, depois de alguns anos, o arroz híbrido ocupa cerca de 50% da superfície dos arrozais e o seu rendimento é superior em 30% ao rendimento das variedades de linhagem puramente convencional. De 1967 a 1995, as tecnologias do arroz híbrido ajudaram este país a aumentar a sua produção de arroz para cerca de 200 MT/ (paddy). As tecnologias de produção de sementes desenvolveram-se muito bem e permitiram obter um rendimento médio de sementes de 2,3 Ton./ha para o conjunto do país.

Além da China, 16 países e dois institutos de pesquisa internacionais esforçam-se por otimizar as tecnologias do arroz híbrido. O IRRI tem progredido muito na selecção das estirpes para a “esterilização masculina citoplasmática – CMS”. O desenvolvimento da comercialização do arroz híbrido na Índia e no Vietname são muito encorajadoras. No entanto, a transferência das tecnologias aos agricultores deverá ser acelerada. A FAO joga um papel muito importante no apoio dos programas nacionais de desenvolvimento do arroz híbrido para lutar contra a fome no mundo.

A exploração das estirpes P/TGMS para desenvolver o arroz híbrido por hibridação dupla apresenta uma vantagem dupla por contraposição ao sistema clássico de hibridação tripla. Aqui também, a China é pioneira neste domínio. A superfície destinada à hibridação dupla, crê-se, irá aumentar muito neste país. Recentemente, um grande programa de selecção de ar-

roz híbrido foi posto em prática no centro nacional de desenvolvimento e investigação do arroz híbrido. Neste programa estratégico, o híbrido adquiriu todas as características de forte eficácia de fotossíntese, grande receptor, índice de recolha elevado e resistente a acamar. O objectivo na selecção de superhíbridos com um rendimento de **100 kg/ha por dia** deveria ser atingido no ano 2000.

O arroz híbrido no mundo
Os bons resultados da produção comercial de arroz híbrido na China mostram claramente que esta solução é actualmente a única que permitirá o crescimento constante dos rendimentos. A exploração das técnicas de arroz híbrido trazem aumentos da produção, reduzem a pobreza rural e respeitam o ambiente. O Vietname plantou recentemente arroz híbrido em cerca de 102.000 ha e a Índia 60.000 ha em 1996. Têm sido alcançados progressos consideráveis na selecção de estirpes parentes, o melhoramento das espécies híbridas e do rendimento da produção de sementes F1, as variedades de arroz híbrido recentemente postas a uso têm origens genéticas muito diversificadas, os rendimentos elevados e estáveis e uma qualidade dos grãos aceitável. Na China, o rendimento de sementes F1, passou de 0,41 toneladas por hectare em 1976 para cerca de 2,5 Ton./ha em 1995. No Vietname e na Índia, os rendimentos das sementes F1, eram de cerca de 1,5 Ton./ha em 1996. As variedades obtidas por hibridação dupla, que têm um rendimento superior em 5 a 10% àquele das variedades de hibridação tripla

actualmente cultivados, foram postos a uso e comercializados com sucesso na China.

Esforços para implementação e para a utilização de tecnologias de hibridação foram igualmente levados a cabo por outros países, em particular no Bangladesh, no Brasil, na Colômbia, no Egipto, na França, na Índia, na Indonésia, no Japão, na República da Coreia, na Birmânia, nas Filipinas, na Tailândia, nos EUA e no Vietname. No entanto, estas tecnologias são muito complexas e levam muito tempo até serem implementadas e necessitam de grande competência técnica na selecção das híbridas e na produção de sementes F1. A elaboração e a utilização frutuosa do arroz híbrido necessitam de um forte apoio dos governos, da participação dos cientistas, uma cooperação entre os programas de investigação, e uma colaboração internacional. Foi por isso, que em 1986, a FAO implementou o seu programa mundial sobre o arroz híbrido para acelerar a utilização generalizada das tecnologias de hibridação no mundo. Estas tecnologias poderão ainda permitir a obtenção de rendimentos ainda mais elevados. Mas, na maior parte dos países, com excepção da China, falta a estes programas o pessoal especializado. Seria necessário à partida reunir esforços e recursos no plano nacional e internacional para se obter a produção e consumo de arroz híbrido, nomeadamente pela formação de pessoal técnico e de programas nacionais e a melhoria dos sistemas de produção e de multiplicação de sementes F1.



Relatório Mundial Sobre a Situação da Cultura do Arroz - Dados FAO Novembro de 1998

As perspectivas para a oferta de cereais para 1998/99 deterioraram-se ligeiramente, devido a uma baixa não prevista das produções da CEI e da Ásia. A oferta mundial de cereais para 1998 deverá ter um decréscimo de 2% para 1.872 milhões de toneladas (MT), caindo para baixo das necessidades de consumo previstas para 1998/99. Devido a isso, os stocks globais terão que ser utilizados, mas mesmo assim manter-se-ão nos níveis mínimos de segurança. Prevê-se que os stocks cubram 17% do consumo mundial de cereais, situando-se nas 323 MT (-2,3%).

A oferta de comida permanece desfavorável para muitos países em vias de desenvolvimento, devido a adversidades climáticas e/ou conflitos sociais na África Sub-Sahariana, condições climáticas adversas e dificuldades económicas na Ásia, e devastações devido aos furacões na América Central.

O comércio mundial de cereais em 1998/99 atingirá segundo as últimas previsões 201 MT, 3% abaixo do volume do ano anterior apesar de recentes melhorias. Prevêm-se reduções nas importações de trigo e arroz.

A utilização global de cereais em 1998/99 está prevista para 1.878 MT, um pouco acima do ano anterior, mas marginalmente abaixo da tendência de longo prazo. Esta quebra na utilização antecipada reflecte a fraca procura de alimentos, enquanto o consumo de alimentos deverá continuar a aumentar, em conformidade com o crescimento da população mundial.

A FAO prevê que a ajuda alimentar embarcada em 1998/99 atinja 9 MT,

acima do ano 1997/98 que foi muito fraco, agora estimado em 5,3 MT. Após 4 anos de declínio, esta significativa alteração é largamente o resultado das grandes existências de cereais junto dos grandes doadores, combinando com maiores necessidades de ajuda alimentar.

Os preços internacionais do trigo e das gramíneas tem vindo a cair desde os finais de Agosto em resposta à falta de contratos, no entanto permanecem bem abaixo dos praticados há um ano atrás. Por contraste, os preços de exportação do arroz caíram devido a uma forte pressão para a baixa devido à fraca procura das melhores variedades, e também devido à chegada de novas colheitas ao mercado.

Quanto ao arroz as previsões FAO para a campanha 1998/99 são as seguintes:

a produção mundial de arroz (branqueado) será de 375 MT (-13 MT/-3,2%) e a produção de *paddy* será de 561 MT (-17 MT/-2,9%); as importações mundiais de arroz (branqueado) serão de 20 MT (-5 MT/-18,6%); a utilização mundial de arroz (branqueado) tenderá para as 385 MT (+2 MT/+0,6%); os stocks mundiais cairão para as 50 MT (-6 MT/-10,9%); os preços do Thai/100% poderão subir para os 323 USD/Ton. (+7 USD/+2,2%).

As previsões da FAO para a produção dos diversos continentes é a seguinte:

Ásia – 513,7 MT (-13,9 MT/-2,63%);
África – 15,6 MT (-1,3 MT/-7,69%);
América Central - 2,0 MT (-0,1 MT/-4,76%);
América do Sul – 16,0 MT (-1,7 MT/-9,60%);
América do Norte -

8,2 MT (+0,1 MT/+1,23%); Europa - 2,9 MT (+0,1 MT/+3,57%); CEI - 1,3 MT (+0,2 MT/+18,18%); Oceânia - 1,4 MT (0,0 MT/0,00%).

Os preços mundiais de exportação segundo a FAO têm variado de maneira diferenciada. Assim, o “Thai/100%” em Outubro/98 atingiu os 300,0 USD/T o que representa um decréscimo de 5,1% no preço em relação a 1997. O “Thai/Trincas” também por outro lado subiu para os 258,0 USD/T, o que representa um aumento considerável de 20,6%. Já o “US Long Grain”, caiu cerca de 9,8% para os 396,0 USD/T. Estes valores poderão ou não confirmar-se dependendo muito das condições climáticas das campanhas a realizar.

Os índices FAO registam subidas para todos os tipos de arroz. O arroz de baixa qualidade registará a maior subida, 14,2%, situando-se o seu valor em 137,0 pontos (dado que este tipo de arroz é o mais procurado nos países com carências alimentares da Ásia e da África); o arroz de alta qualidade terá um aumento muito ligeiro, +0,2 MT, chegando aos 129,0 pontos. Quanto à variação total do índice FAO, este também registará um aumento de 3,1%, situando-se nos 131,0 pontos.

Em conclusão: a produção mundial de arroz poderá baixar; as importações tenderão a cair fortemente devido à baixa procura internacional; a utilização mundial aumentará ligeiramente; os stocks poderão a cair; os preços mundiais face a este cenário tenderão a aumentar!?

Preços Mundiais e Índices de Preços FAO

Tipos de arroz	Preços de Exportação					Média	Variação	
	1994	1995	1996	1997	1998*			
(preços: USD/ton.)						94/98	97/98	
Preços de Exportação	Thai/100% (1)	289,0	336,0	352,0	316,0	300,0	318,6	-5,1%
	Thai/Trincas (2)	186,0	268,0	210,0	214,0	258,0	227,2	20,6%
	US Long Grain (3)	379,0	361,0	414,0	439,0	396,0	397,8	-9,8%
Índices FAO (82-84=100)	Baixa Qualidade	104,0	146,0	136,0	120,0	137,0	128,6	14,2%
	Alta Qualidade	118,0	124,0	136,0	129,0	129,0	127,2	0,0%
	Total	114,0	129,0	136,0	127,0	131,0	127,4	3,1%

(1) Arroz branqueado, 100% second grade, f.o.b. Bangkok, preços indicativos das transacções.

(2) A1 super, f.o.b. Bangkok, preços indicativos das transacções.

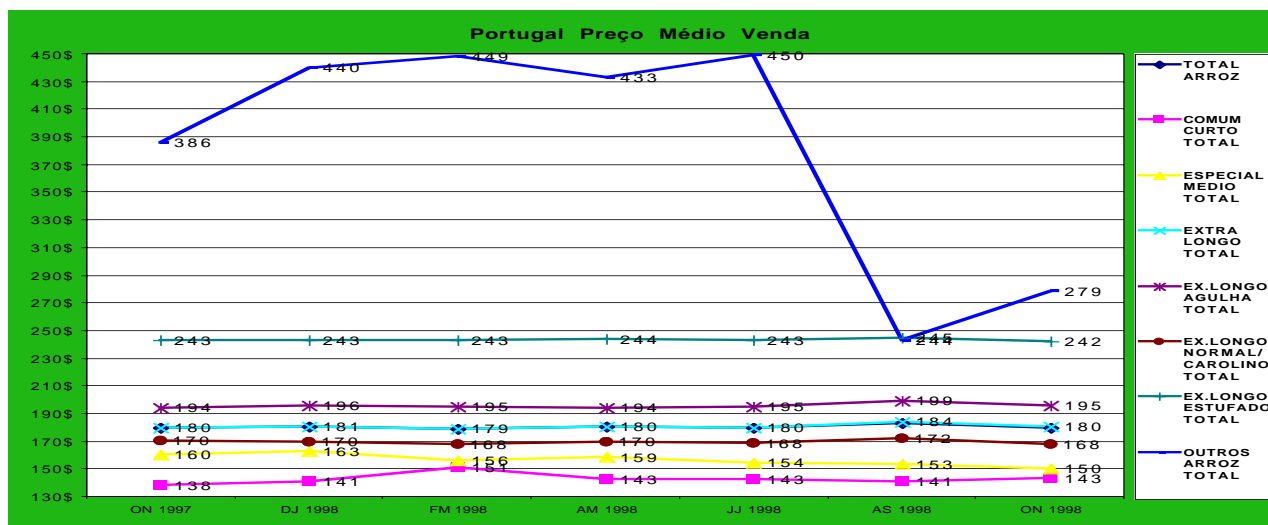
(3) US N°2, 4% trincas f.a.s..

* Outubro de 1998

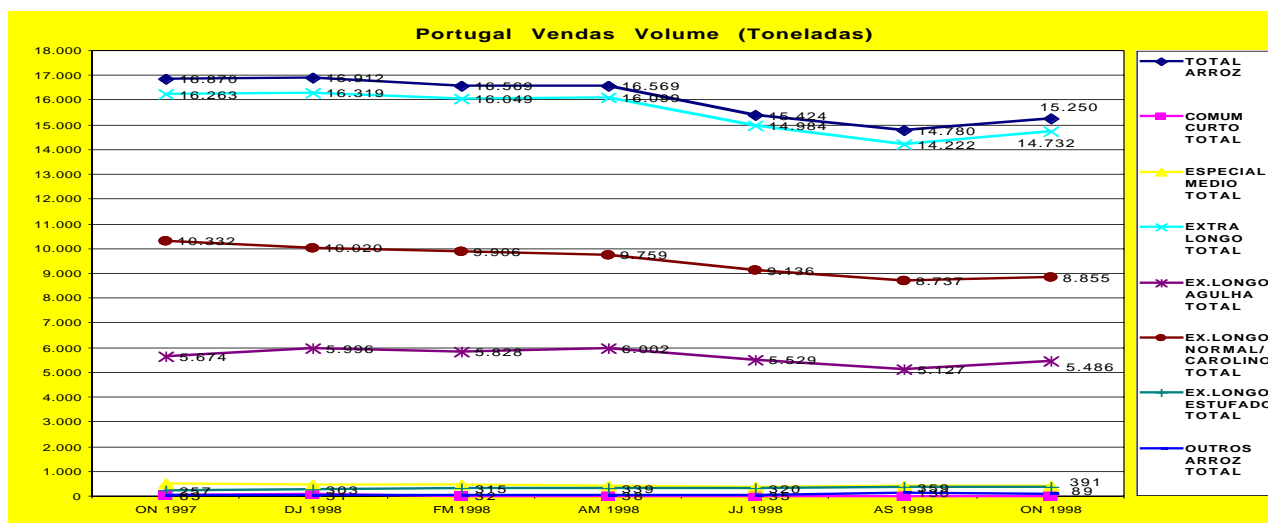


O MERCADO DO ARROZ

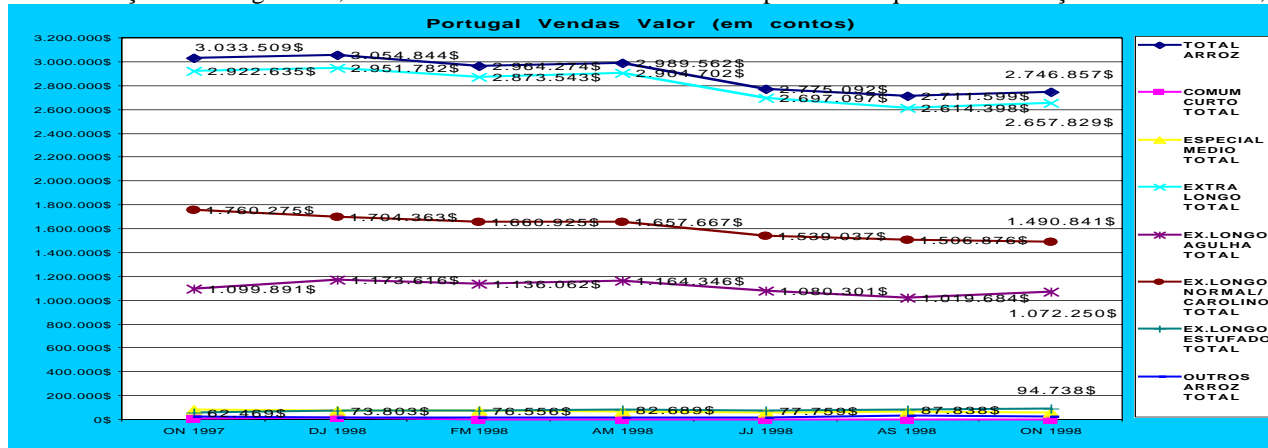
Neste final de ano aproveitamos para fazer uma síntese da evolução do mercado do arroz em Portugal, através dos dados



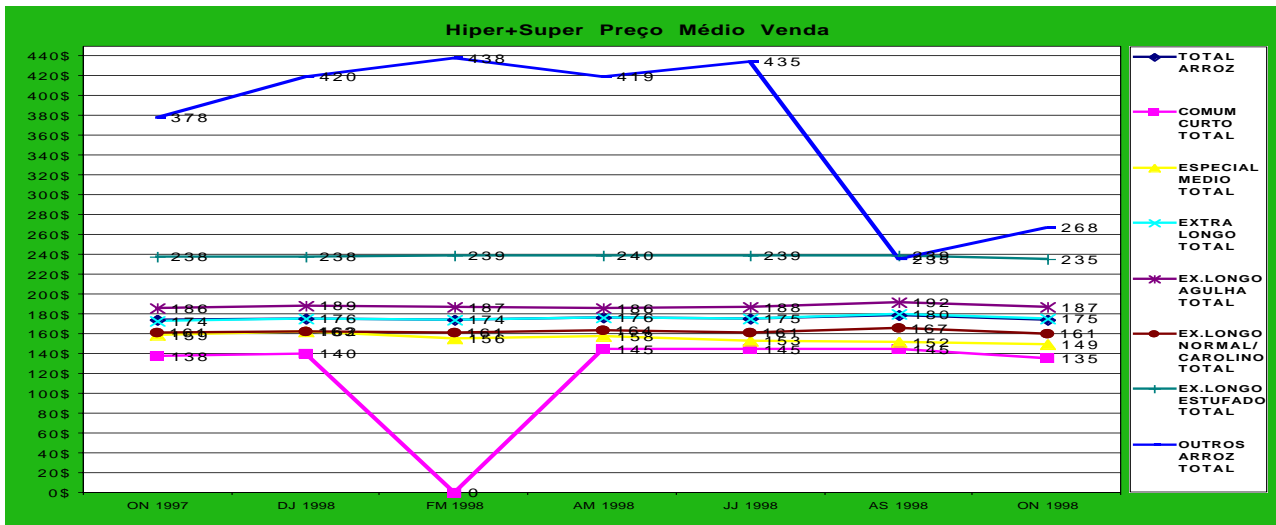
do Índice Nielsen Alimentar (INA). De referir que a empresa estima que este índice cubra cerca de 75% a 80% do mercado do arroz. Como se pode observar da análise do gráfico, os preços médios de venda / PMV (nas lojas) do arroz têm-se mantido constantes ao longo do ano, com a exceção para os Outros Arroz Total (basmati, perfumado, etc), que têm vindo a cair desde JJ/98 situando-se agora em 279\$00, quando há um ano atrás era vendido a 386\$00.



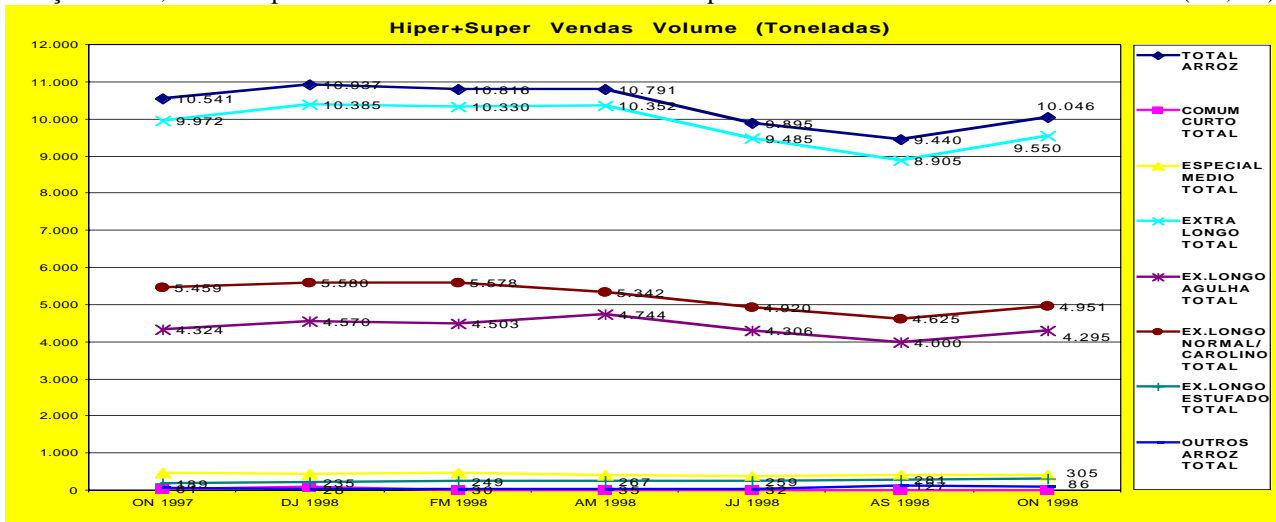
As vendas em volume em Portugal têm registado uma quebra acentuada, cerca de 10% quando comparamos com igual período do ano passado, situando-se agora nas 15.250 toneladas. De referir, que o Extra Longo Total (Carolino+Agulha) representam cerca de 97% do mercado com, 14.732 Ton. O Carolino é o segmento com maiores vendas 8.855 Ton. mas tem caído bastante em relação ao período homólogo (ON/97) -14,3%. O Agulha aparece em segundo lugar com 5.486 Ton. e uma variação homóloga de -3,3%. As vendas em valor também têm apresentado quebras em relação ao ano anterior, o



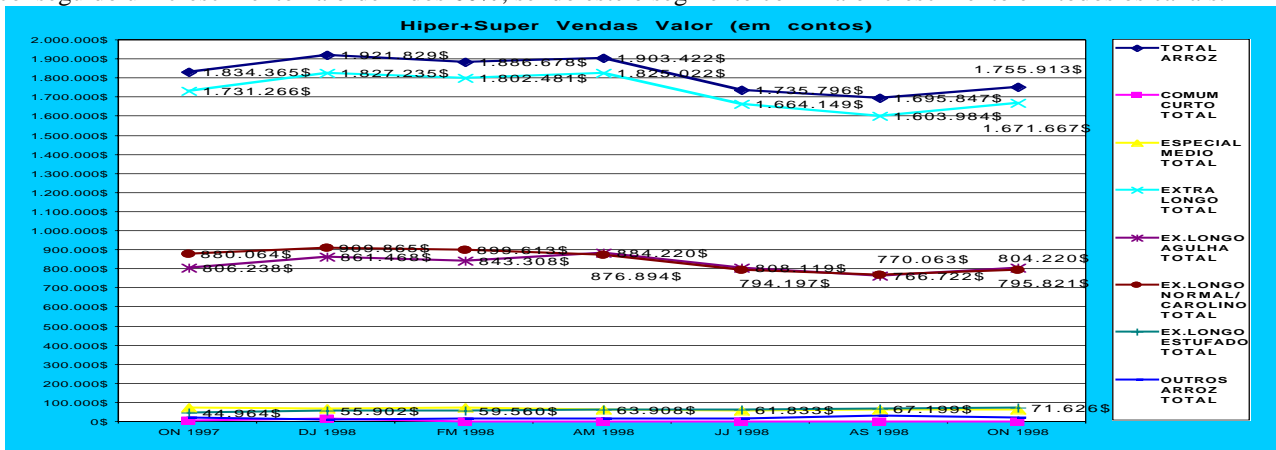
Arroz Total vale agora 2.746.857 contos, o que representa uma quebra de 9,5% em relação aos 3.033.509 contos registrados em igual período do ano passado. O Carolino caiu 15,3% para 1.760.275 contos e o Agulha sofreu uma quebra menor de 2,5% em relação ao mesmo período. Os PMV nos Hiper+Super têm-se mantido estáveis na generalidade, com os Outros Arroz Total a caírem consideravelmente, cerca de 29,1% para 268\$00/kg. O PMV do Total Arroz está nos 175\$00 e há um



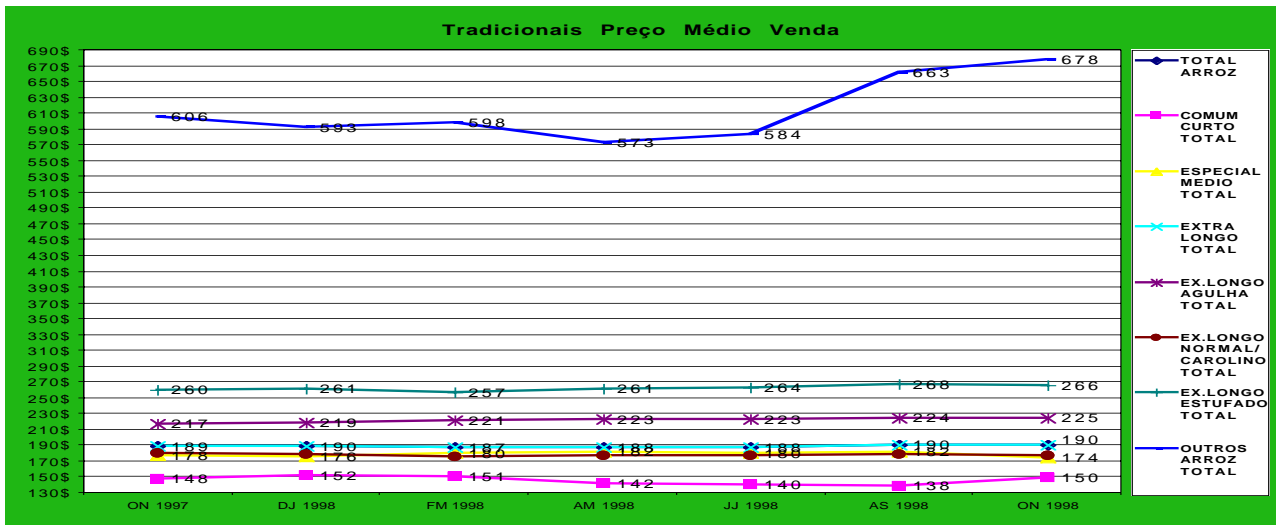
ano atrás era de 174\$00. O Carolino tem um PMV de 161\$00, o Agulha 187\$00 e o Estufado 235\$00. As vendas deste canal também apresentam quebras, mas, menos acentuadas dada a recuperação dos Super. Assim, o Total Arroz caiu em relação ao período homólogo (ON/97) 4,7%, ficando neste bimestre nas 10.046 Ton.. O Carolino apresenta uma quebra acentuada de 9,3% e o Agulha já está muito perto do líder do mercado deste canal com 4.295 Ton. o que traduz uma variação de - 6,7%. O Especial Médio continua a ser o terceiro tipo de arroz mais consumido com 405 Ton. (-13,7%),



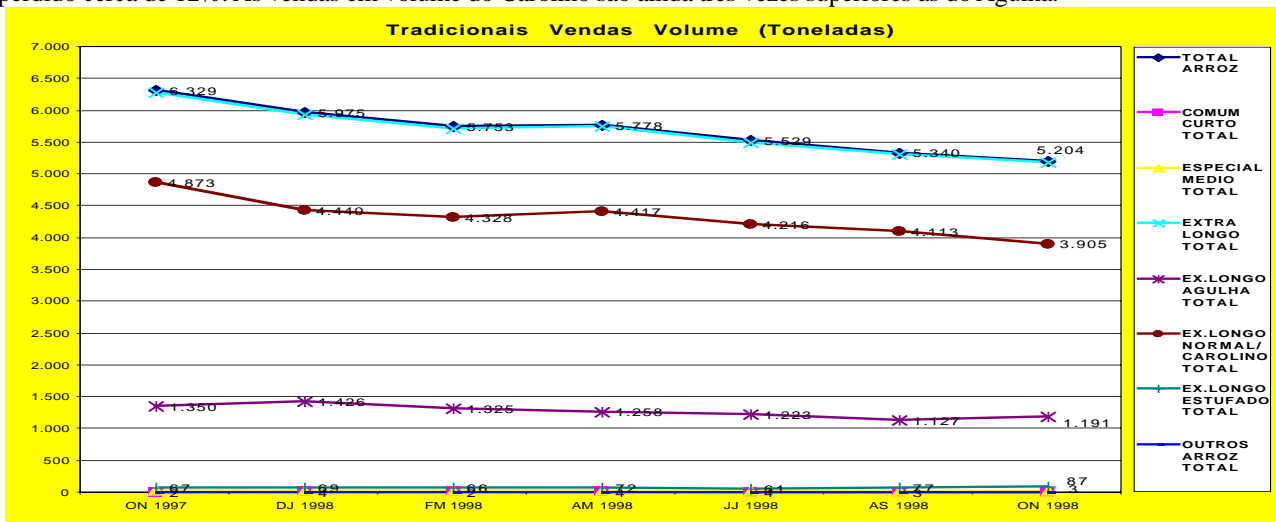
segue-se o Estufado com 305 Ton. mas com um crescimento em relação a ON/97 de 61,4%. As vendas em valor também caíram, para 1.755.913 contos (-4,3%). Neste canal dos Hiper+Super destaque para o Agulha que já ultrapassou o Carolino em vendas em valor somando 804.220 contos contra 795.821 contos. O Carolino teve uma quebra de vendas em relação a ON/97 de 9,6% enquanto o Agulha caiu apenas 0,3%. O Estufado já ocupa a terceira posição com 71.626 contos, tendo conseguido um crescimento na ordem dos 60%, sendo este o segmento com maior crescimento em todos os canais.



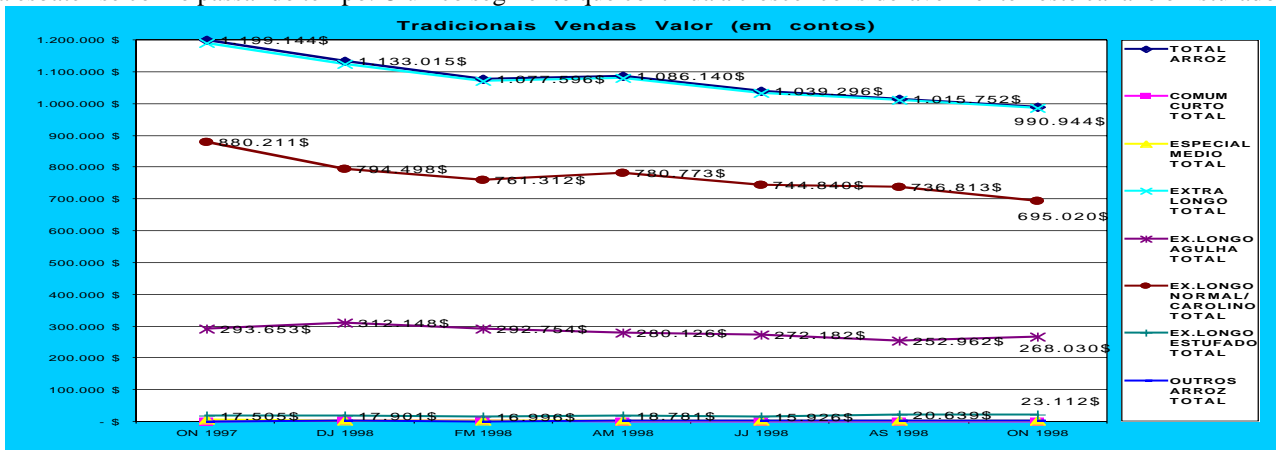
Observando agora o canal Tradicional verifica-se que é neste onde se praticam os preços mais altos. Comparando o Total Arroz para ON/98 entre os Tradicionais e os Hiper+Super, constata-se que neste canal em média os preços são superiores cerca de 8,8%. No entanto, também tem havido uma grande estabilidade nos preços do Total Arroz, variando somente cerca de 1\$00 mais. O segmento dos Outros Arroz apresenta uma subida considerável, 11,9% situando-se nos 678\$00.



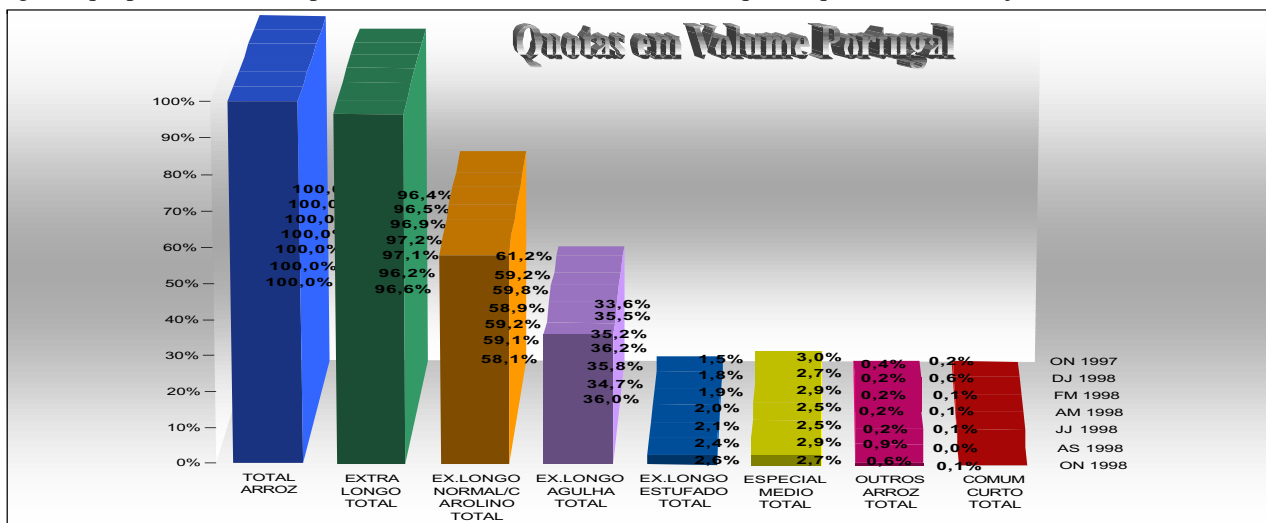
As vendas em volume têm caído consideravelmente, estando o Total Arroz agora nas 5.204 Ton. o que representa uma variação de -17,8%. O segmento Extra Longo Total (Carolino+Agulha) representa a quase totalidade de todo o arroz vendido nos Tradicionais, dada ainda a fraca penetração do Estufado. Também é neste canal, onde os consumidores são mais “tradicionais”, que se verifica ainda uma grande hegemonia do Carolino sobre o Agulha, apesar do líder ter caído quase 20% e o Agulha ter perdido cerca de 12%. As vendas em volume do Carolino são ainda três vezes superiores às do Agulha.



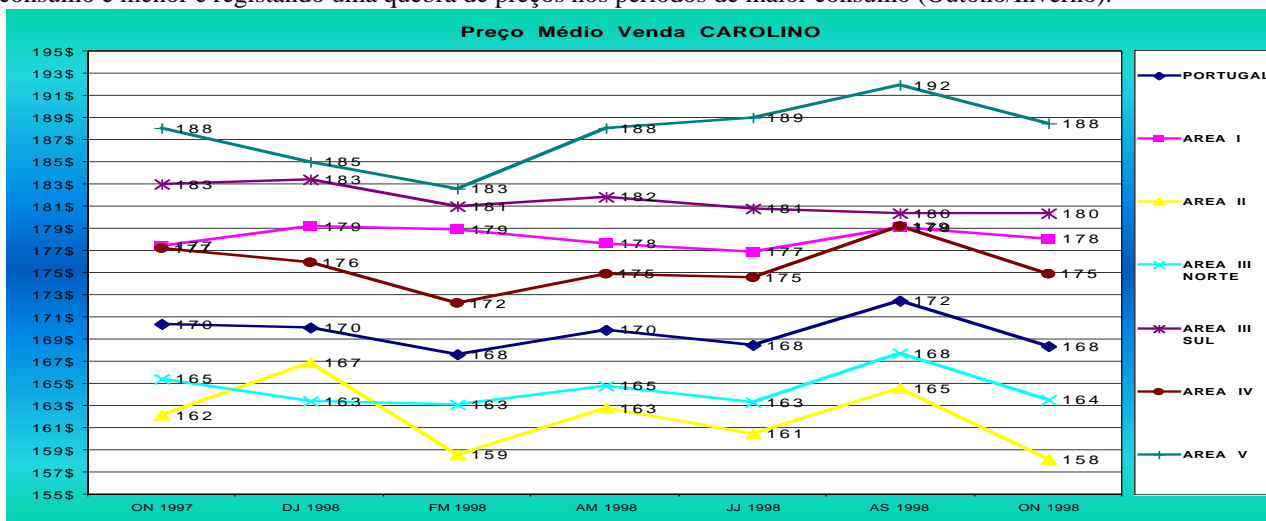
As vendas em valor nos Tradicionais apresentam também quebras assinaláveis, com o Total Arroz a perder 17,3%, baixando a barreira do milhão de contos situando-se agora em 990.944 contos. O Carolino é o líder destacado com 695.020 contos, mas em queda acentuada, -21% em relação ao ano passado. O Agulha caiu para os 268.030 contos o que representa uma baixa percentual de 8,7. O Carolino ainda representa em vendas duas vezes e meia o Agulha, mas esta diferença está a esbater-se com o passar do tempo. O único segmento que continua a crescer consideravelmente neste canal é o Estufado.



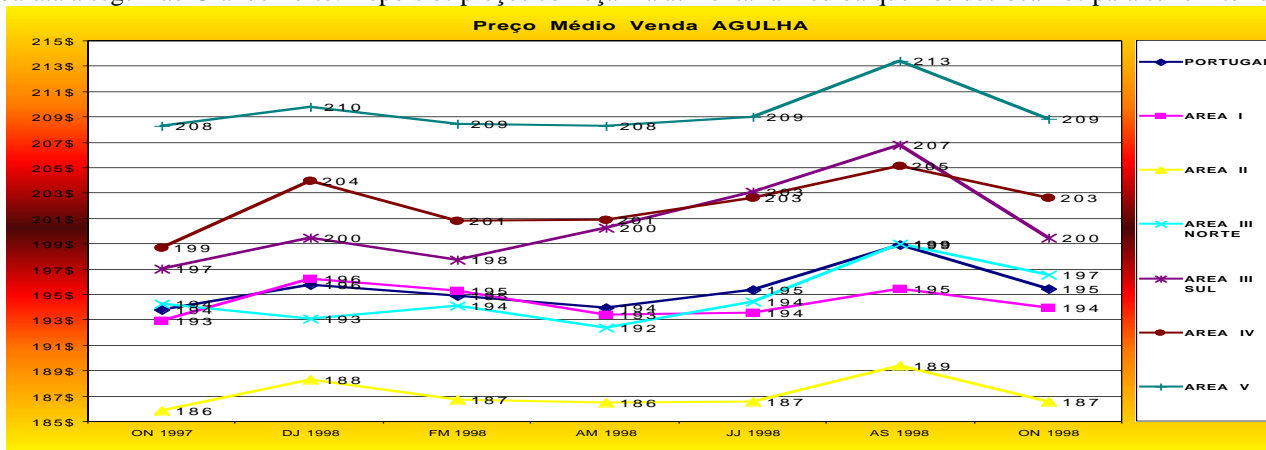
Analisando as quotas em volume (toneladas) dos diferentes segmentos de arroz para o período em análise, constata-se, que o Extra Longo (Carolino+Agulha) representa a quase totalidade do mercado com 96,6% de quota e tem-se mantido constante ao longo do ano, resultante da perda do Carolino que caiu de 61,2% para 58,1%, compensada pelo aumento do Agulha que passou de 33,6% para 36,0%. O Estufado tem vindo a conquistar quota de mercado juntamente com os Outros



e o Especial Médio tem perdido, bem como o Comum Curto. O líder de mercado, o arroz Carolino, custava há um ano atrás em média 170\$00 custando agora 168\$00, o que traduz uma ligeira quebra de preços. Este tipo de arroz é bastante mais caro no sul do país, custando no Algarve 188\$00, e por comparação com a área mais barata (o Grande Porto), custa mais 30\$00/kg. Este produto apresenta uma forte sazonalidade com os preços mais elevados nos meses de Verão, quando o seu consumo é menor e registando uma quebra de preços nos períodos de maior consumo (Outono/Inverno).



O PMV do Agulha também é mais elevado no sul do país, custando no Algarve 209\$00 o que representa, em relação à zona mais barata do país (o Grande Porto), um acréscimo de 22\$00/kg. Ao contrário do Carolino, o Agulha apresenta dois picos de preços durante o ano, um na quadra natalícia e outro maior no Verão. As áreas do país que mais se aproximam do preço médio nacional são a área III - Litoral Norte entre Leiria e V. Castelo e a área II - Grande Lisboa, que é a segunda mais barata a seguir ao Grande Porto. Depois os preços começam a aumentar à medida que nos deslocamos para sul e interior.



O Problema Informático do ano 2000

A mudança do milénio irá afectar todas as empresas que utilizem sistemas com temporizadores, e apesar de muitas parecerem estar atentas, parecem também relutantes em adoptar medidas. Caso as empresas queiram continuar com o seu negócio normalmente terão que agir rapidamente.

Este problema surge com os primórdios da informática quando era necessário a todo o custo diminuir o espaço ocupado pelo *hardware*, mas também por toda a informação do *software*. Assim eliminou-se tudo o que fosse informação redundante, ocupando o menor espaço de memória possível, seguindo esta lógica de “emagrecimento” optou-se por tirar os dois primeiros dígitos do ano.

Passou-se a utilizar somente as datas com dois dígitos em todas as aplicações informáticas, que na altura não se pensou poderem chegar até aos nossos dias e terem que enfrentar o novo século e milénio.

Muitas operações efectuadas por empresas industriais e comerciais irão ser afectadas por este defeito informático, bastando que para isso disponham de microprocessadores (sistemas embebidos) que trabalhem com datas. Assim, as operações financeiras, os planeamentos de produção, os planos de distribuição e o controle de sistemas de segurança, entre outros, terão que ser testados.

Os sistemas embebidos, representam o conjunto de instruções programadas existentes nos microprocessadores “chips” das máquinas e equipamentos e que, para além de estarem presentes na quase totalidade dos mesmos, são utilizados para controlar ou monitorar processos, maquinaria, equipamentos, comunicações, etc. Esta situação fica a dever-se à utilização de apenas dois dígitos na representação do ano destinado à data, pelo que, de acordo com a forma tradicional e habitual de representar o ano, surgirá 00 em vez de 2000. Para os equipamentos esta data tanto poderá ser 1900 como 2000 já que os dois anos terminam em 00. As consequências resultantes deste erro na actividade das empresas podem ser diversas e imprevisíveis uma vez que:

síveis uma vez que:

- O primeiro dia do ano 2000 será um Sábado e não uma segunda-feira como sucedeu em 1900;
- O primeiro dia útil do ano 2000 será o dia 3 de Janeiro e em 1900 foi o dia 2 de Janeiro;
- No dia 28 de Fevereiro os equipamentos poderão passar directamente para o dia 1 de Março dado que 1900, ao contrário do ano 2000, não foi um ano bissexto, logo não existia no calendário o dia 29 de Fevereiro de 1900.

Um dos principais problemas do ano 2000 resulta do facto de não ser possível, à priori, antever o que será afectado nas empresas, pelo que cada caso é um caso. Assim, só é possível determinar a situação de cada empresa quando se testar e verificar o que sucede com os diversos equipamentos. Em termos gerais as empresas poderão ser afectadas a dois níveis distintos:

- Ao nível dos Sistemas Embebidos;
- Ao nível do Software de Gestão.

Estas implicações terão reflexo nas relações com os fornecedores e com os clientes, devido às falhas nos canais de comunicação entre estes. Os aspectos legais terão importância, visto as empresas poderem vir a ser processadas por terceiros na sequência de falhas nos produtos e serviços derivados do problema do ano 2000, e os prejuízos decorrentes destes processos poderão não estar cobertos pelas apólices de seguro existentes.

O que poderá ser afectado no funcionamento da empresa ao nível dos Sistemas Embebidos?

Na produção: sistemas de controlo central; sistemas de controlo distribuído; sistemas de controlo flexível da produção; transmissores inteligentes; painéis de controlo; sistemas de monitorização local; sistemas de medida; controladores lógicos programáveis; activadores inteligentes; sistemas de automação; ferramentas *robot* e outras; etc.

No funcionamento Administrativo: sistemas de contabilidade e gestão de pessoal; sistemas de apoio à decisão, gestão e planeamento; telemóveis,

paggers, faxes e telefones; micro-computadores e agendas pessoais; etc.

Nos Serviços de Apoio: sistemas de gestão de energia, de aquecimento, de ar condicionado; ventiladores, elevadores e PBX; equipamento de higiene e controlo de qualidade; controlo de segurança, detecção e alarme de incêndios; termostatos, sensores de movimento; equipamento de controlo de redes; etc.

Na Área da Distribuição e Vendas: na distribuição; no sistema de facturação; nos *robots* de armazém; nos tacógrafos dos camiões de transporte; nos sistemas de comunicação via rádio; nas máquinas de apoio a vendas; etc.

O que poderá ser afectado no funcionamento da empresa ao nível do *Software* de Gestão?

Equipamentos informáticos: o relógio dos equipamentos informáticos é o responsável por indicar a data do sistema, a partir da qual se calcula a data base para qualquer operação. Se essa data for incorrecta, todas as aplicações e sistemas informáticos da empresa poderão ser afectados.

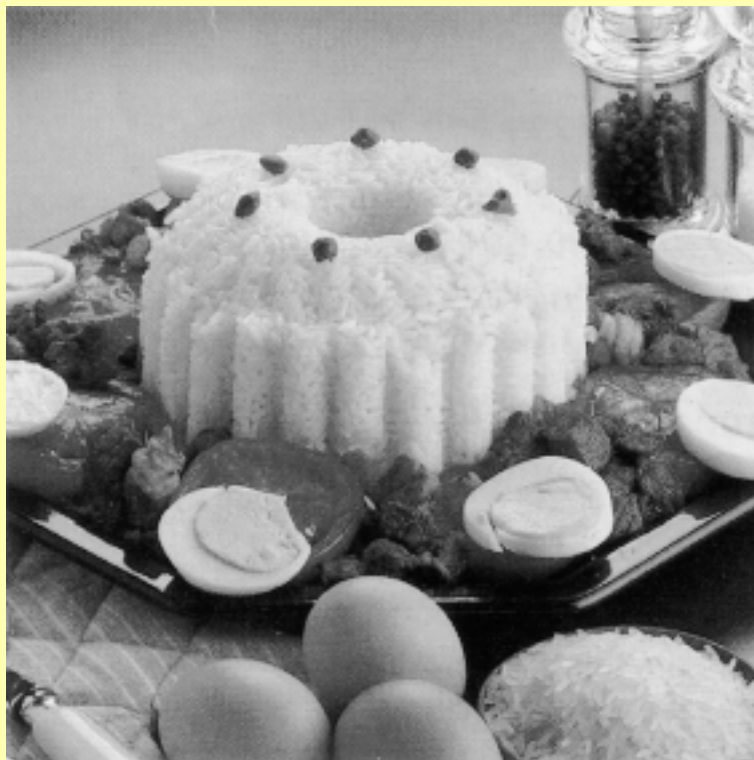
No *software* de base: alguns sistemas operativos (programa fundamental para o arranque e controlo dos sistemas informáticos) não são capazes de gerir o problema do ano 2000, se não tiverem uma data de sistema correcta. Esta situação reflecte-se nos sistemas de controlo de ficheiros, arquivos e processamento, entre outros.

Aplicações desenvolvidas à medida: algumas destas aplicações trabalham com datas que poderão não estar adaptadas ao ano 2000. Nas aplicações desenvolvidas por terceiros, será necessário obter a garantia de que estão em conformidade com as necessidades originadas pela chegada do ano 2000. “Todos os equipamentos devem ser considerados problemáticos até prova em contrário”.

Todas as empresas serão afectadas, directa ou indirectamente, em maior ou menor grau, pelo problema do ano 2000. Assim, o primeiro passo consiste em tomar consciência da questão e avaliar a situação da empresa. Ignorar o facto ou adiá-lo para mais tarde, não é mais do que alienar a responsabilidade e fugir à realidade.



Receitas de Arroz



Arroz com borrego

Devido à época natalícia em que nos encontramos, apresentamos neste número do nosso boletim uma receita de arroz com um “cheirinho” a Natal muito especial, trata-se de um arroz com borrego .

Ingredientes para 4 pessoas:

- 250 grs. de arroz Extra-Longo Agulha Estufado;
- 750 grs. de carne de borrego;
- 4 tomates maduros médios;

- 4 ovos cozidos;
- 8 colheres de sopa de azeite;
- pimenta branca em pó e sal qb..

Preparação:

Tirar os ossos à carne de borrego e cortar em bocados pequenos, deitar-lhes sal e pimenta e fritá-los em azeite quente numa frigideira.

Cozer o arroz em água abundante (1 para 2), com sal e umas gotas de azeite,

durante cerca de 12 minutos. Escorrer, passar por água fria e deixar a secar.

Cortar os tomates em metades, temperar com sal e fritá-los em azeite.

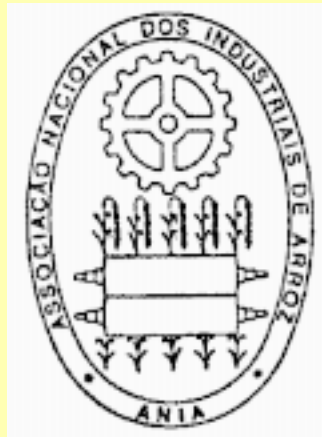
Moldar o arroz numa forma em coroa com buraco central e deitar de seguida o arroz num prato grande e rodeá-lo com o borrego e o tomate. De seguida enfeitar com os ovos cozidos partidos às rodela.

Arroz - um alimento saudável



O Arroz N ° 7 - Outubro/Novembro/Dezembro 1998





ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS INDUSTRIAIS DE ARROZ

AO SERVIÇO DA
INDÚSTRIA ARROZEIRA
DESDE 1975

Arroz - um alimento saudável

